

## EFEITOS DE REAL E/OU ESCRITA MEMORIALISTA NO POEMA BIBLIOTECA VERDE DE DRUMMOND

(ENSAIO)

EFFECTS OF REAL AND/OR MEMORIALIST WRITING IN DRUMMOND'S GREEN  
LIBRARY POEM

Ivane Laurete Perotti<sup>1</sup>

Minha poesia é autobiográfica. Até nem sei como costuma fazer tanto barulho em certos círculos. Podem não gostar dela por ser má, porém incompreensível, é exagero. É uma confissão, talvez a primeira forma de uma obra literária, ainda em bruto, insuficientemente transformada em criação artística. Assim sendo, quem se interessar pelos miúdos acontecimentos da vida do autor, basta passar os olhos por esses nove volumes que, sob pequenos disfarces, dão a sua ficha civil, intelectual, sentimental, moral e até comercial. (Carlos Drummond de Andrade)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professora efetiva da FaE/UEMG/CBH. Professora efetiva da Educação Básica Estadual. Especialista em Metodologia e Prática da Língua Portuguesa/UNICAMP/SP, mestre em Linguística/UFSC/SC/Linguística/Análise do Discurso; doutoranda em Linguística/Literatura/CAPES II/PUC/MG. Escreveu na Revista Varal do Brasil -Genebra, Suíça; editora na Coluna Educação e Literatura, Jornal Pensar a Educação Em Pauta/FaE/UFMG; participou de antologias publicadas no Brasil e exterior. Foi premiada pela FNLIJ, em 2012, com o primeiro lugar nacional em narrativa de ficção; recebeu a Premiação Ouro pela ACIMA, Itália, Milão em conto ficcional, 2012; premiada pela LITERARTE com o Prêmio Nacional de Literatura juvenil/2012. Recebeu vários prêmios em 2013. Acadêmica da ABL/RJ foi distinguida pela ABD/RJ com a outorga de Comendadora. Pela ABRASA, recebeu o Prêmio Destaque Arte e Educação da Sociedade Europeia de Belas Artes/ Viena, Áustria. Recebeu a outorga de Dra. Honoris Causa /ABD/2014. Prêmio Excelência Cultural/70 anos ABD. Prêmio Nacional em Conto/ABD/2016. Medalha de Ouro em Conto e Poesia pela ABD/2016. Medalha Maior da ABD pelo conjunto da produção literária/2016. Acadêmica Fundadora da Academia Mineira de Belas Artes Publicou vários livros, entre acadêmicos e ficção.

Este é um ensaio que se estrutura sob a pretensão de pensar a leitura do poema *Biblioteca Verde*, de Carlos Drummond de Andrade, a partir de estudos realizados por Santiago (1976), sobre a escrita memorialística, e o que escreveu Barthes (1971/1988/2003), acerca dos “efeitos de real”, em diálogo com Poe (2011), Arrigucci (2002) e Cândido (2003).

98

A produção poética de Carlos Drummond de Andrade se mantém com o mesmo frescor e tensão quando de sua publicação. Nascido em Itabira do Mato Dentro, MG, construiu com abundância um conjunto de obras marcadas pela beleza e pelo requinte vocabular. Entre elas, o poema *Biblioteca Verde*, acerca do qual leituras se somam e divergem. *Biblioteca Verde* faz parte da trilogia *Boitempo I* (1968), *Boitempo II: menino antigo* (1973) e *Boitempo III: esquecer para lembrar* (1979). Para muitos estudiosos da obra drummondiana, o lançamento da coleção tem cunho memorialista, estruturada sobre as reminiscências da infância e juventude do poeta e a sociedade brasileira daquele tempo. Publicado a partir de 1930, Drummond não configura conformidades, antes, articula tensões em construções complexas, reflexivas, atravessadas por estética apurada.

Na coleção *Boitempo*, publicada em *Nova reunião: 23 livros de poesia*, edição de 2015, direta ou indiretamente, Drummond refere-se ao tema da leitura, (experiências de leitura), infância, memória e identidade, constituindo um movimento da experiência histórica (social ou pessoal), na construção de um *eu-lírico* que se revela/não revela e revela o mundo.

Silviano Santiago (1976), no ensaio “Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”, na obra *Poesia Completa de Drummond*, observa que o poeta “(...) tematiza com insistência e sabedoria a vida provinciana na Itabira do Mato Dentro (...)”, ao mesmo tempo em que oferece ao leitor uma poesia cosmopolita “passando-lhe a impressão de que o poeta é *um homem do monde*, nascido no século de Voltaire e Rousseau?” (SANTIAGO, 1976, XII, grifo

meu). Para o crítico, as construções de perfil biográfico drummondiano diferenciam-se da escrita encenada, por mais que a história de vida do autor esteja em referência. Afirma que o “arquivo drummondiano” apresenta a experiência autoral, os desvios, as dificuldades e não exatamente a intimidade do autor (1976). A exemplo, *Biblioteca Verde*, quando o poeta apostava no jogo da ambiguidade, da ruptura entre a vontade do menino como sujeito leitor (iniciação literária) em

---

\*

sair do espaço interiorano, e o atrelamento às tradições familiares, ao que Santiago chamou de “viés proustiano” (SANTIAGO, 1976). Na mesma obra, Andrade teceu considerações sobre o que chamou de “mito do começo” e “mito da origem” – no qual esse mesmo começo dado em ruptura é negado e reafirma o peso e o valor da tradição e do passado – observando que o poeta, ao descrever sua iniciação literária, praticamente não fala de literatura. Para Silviano Santiago, a volta ao passado, garantida pelas técnicas da composição poética, presentifica os acontecimentos, sem que assim Drummond tenha escrito um livro de memórias. É a produção poética que prevalece sobre a memória, na relação da linguagem que distorce o tempo, torna-o impreciso, imparcial.

O que o leitor encontra na leitura de *Biblioteca Verde* pode não ser a grafia de vida do poeta mineiro, mas sim, e também, o que Barthes (1971) chamou de “efeitos de real”, ou seja: marcas biográficas reconhecíveis, sem autenticação diante de fatos de vida: “(...) é a categoria do ‘real’ (e não seus conteúdos contingentes) que é [...] significada; (...)” (1971, p.43). Ainda, “[...] a própria carência do significado em proveito do único referente torna-se o próprio significante do realismo: produz-se um *efeito de real* (idem, grifo do autor). Para Barthes, é o “fundamento desse inverossímil inconfessado que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade.” (1971, p. 43). O autor questiona “(...) se é legítimo opor sempre o discurso poético ao discurso romanesco, a narrativa de ficção à narrativa histórica” e termina assinalando que

“(...)a narração dos acontecimentos passados [...] difere realmente, por algum traço específico, por uma pertinência indubitável, da narração imaginária, tal como se pode encontrar na epopeia, no romance, no drama” (BARTHES, 1971, p. 145). E segue dizendo ainda: “(...) a própria carência do significado em proveito só do referente torna-se o significante mesmo do realismo: produz-se um *efeito de real*, fundamento desse verossímil inconfesso que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade.” (1971, p.164-165, grifo do autor). Ou seja, os elementos episódicos da história do autor/Drummond, em *Biblioteca Verde*, seriam uma forma resumida do que existiu/aconteceu e perde valor de verdade, a não ser dentro de sua notação poética, uma vez que o objetivo do poeta não é o de registrar na escrita a verdade do fato, mas de explorar a instalação daquele que escreve e a sua escrita: o jogo entre o fato e a ficção, o vivido e o inventado.

Pela mesma linha pode-se ler em Poe (2011, p.4, grifo meu) “Quanto ao objetivo *Verdade*, ou a satisfação do intelecto, e ao objetivo Paixão, ou a excitação do coração, são eles muito mais prontamente atingíveis na prosa, embora também, até certa extensão, na poesia.” O estudo que Poe faz, em *Filosofia da Composição* aponta para apenas um substrato a demandar exigência na obra literária: a beleza. Completa ele: “De modo algum se segue, de qualquer coisa aqui dita, que a paixão e mesmo a verdade não possam ser introduzidas, proveitosamente introduzidas até, num poema, porque elas podem servir para elucidar ou auxiliar o efeito geral.” (POE, 2011, p. 4). Seguindo, o escritor escolhe o “efeito” pretendido e o faz com olhos à beleza: “(...) designo a Beleza como a província do poema, simplesmente porque é evidente regra de arte que os efeitos deveriam jorrar de causas diretas, que os objetivos deveriam ser alcançados pelos meios melhor adaptados para atingi-los.” (POE, 2011, p.4). Nesta perspectiva, Drummond trabalharia a (auto)ficcionalização da escrita e a sua performatividade, perfazendo movimentos de composição da memória em *Biblioteca Verde* como a “desconstrução” do passado que se apresenta reinscrito, amalgamando tempo e espaço, ou reencenando essas notações que carregam traços da infância do

poeta, mas não instalam um sentido original e verdadeiro, incorrendo no “efeito de real” de Barthes. Ainda em Barthes, ocorreria a exclusão da possibilidade de “algum traço específico”, de “uma pertinência indubitável” da “narração dos acontecimentos passados” em face da “narração imaginária” (BARTHES, 1971). Afirma: “(...) a literatura [...] é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.” (BARTHES, 1971, p. 7-18). E insiste: “O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura.” (Idem)

Retornando aos estudos de Silviano Santiago, lê-se que “Grafia de vida e composição artística são tomadas como organismos autônomos, vivos e interdependentes; no entanto, semelhantes nos respectivos processos de invenção e nas respectivas organizações internas.” (1976, p. 11). Quando Drummond recria o diálogo com o pai no poema em leitura, estaria a organizar uma construção que se coloca no espaço da criação literária, onde habita “o desejo de liberdade expresso por toda *grafia de vida* que escapa, ou não, da comum.” (SANTIAGO, 2020, p.50, grifo meu). Quando se trata de “trabalho de arte”, Santiago diz tratar-se de “autor/defunto, qualquer que seja ele ou ela.”, uma vez que esse autor “Retroalimenta-se com as lembranças pessoais, boas, más, terríveis ou horrorosas.” (SANTIAGO, 1976, p.137)

Seguindo a trilha de tais considerações, Antonio Cândido argumenta que se pode ler poemas considerando-os “[...] como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura de ‘dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa.” (2003, p.54, grifo do autor), uma vez que a obra artística em si mesma não oferecerá marcas de elucidação da verdade ou da invenção. Considera que a simultaneidade é a característica que cabe a ambas, de modo a restar a obra em si mesma a ser tratada em sua natureza e espaço. Nessa proposta de leitura de Cândido, inscreve-se o poema *Biblioteca Verde*, considerando não separar memória e invenção de seu patamar de

“verdade/não verdade”, uma vez que Drummond parece operar sobre a linguagem com a maestria que lhe é peculiar e que deixa entrever na epígrafe que abre este ensaio: “Minha poesia é autobiográfica.”, como se estivesse a revelar e revelar-se. Mas continua com a entrevista, dizendo: “É uma confissão, talvez a primeira forma de uma obra literária, ainda em bruto, insuficientemente transformada em *criação artística*.” (DRUMMOND, 1955, grifo meu). A análise dessa fala transcrita e registrada, por mais que soe límpida e transparente, carrega-se de duplos sentidos, rupturas e denegações que precisam ser recuperados. O que Drummond está afirmando, talvez se afirme no *não dito* e nas inferências bem construídas que a resposta ao entrevistador oferece, tão conhecida por aqueles que já desfrutam de sua obra.

Em Arrigucci, no livro *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond* (2002), a produção poética drummondiana se faz sobre um lirismo reflexivo, registro subjetivo de fatos que evolui para uma subjetividade a dobrar-se sobre si mesma. Para o literato, encontra-se em Drummond um trabalho esmerado de registrar as impressões que o mundo lhe imprime, devolvendo ao mundo a impressão em linguagem artística, sensível, interior, sem deixar de mostrar as dificuldades que o fazer poético engendra. Para Arrigucci, Drummond trabalha com o conflito, equilibra tensões, característica que se distingue em toda a produção drummondiana.

No poema *Biblioteca Verde*, o objeto de desejo do menino Drummond repousa sobre uma coleção antiga, encadernada em tecido de algodão, grosso e lustroso – percalina – na cor verde, com letreiro dourado, contendo a *Coleção das Produções Literárias* mais destacadas no mundo, com autores aclamados na antiguidade, na Idade Média e na modernidade, com 24 volumes e edição nacional em 1906, por *Sociedade Internacional*: Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres e Paris. Essa coleção provocou no personagem/menino Drummond a vivência dos sentidos, da sinestesia, quando ele percorre a textura, as gravuras, as palavras: “/ que bom passar a mão no som da percalina, / esse cristal de fluida transparência: verde, verde...” (ANDRADE,

2015); coleção de valor sentimental: “Sou/ o mais rico menino destas redondezas. / (Orgulho, não; inveja de mim mesmo). / Ninguém mais aqui possui a coleção/ das Obras Célebres. /” (Ibid.)

A configuração dos elementos das obras na coleção vai desenhando a leitura que o personagem/menino faz: “Em filosofias /tropeço e caio, cavalgo de novo /meu verde livro, em cavalaria /me perco, medievo/; em contos, poema/ me vejo viver”. Na sua leitura: “Tudo que sei é ela que me ensina. / O que saberei, o que não saberei/ nunca/, está na Biblioteca” (ANDRADE, 2015). Na poesia, o personagem vela pela coleção: “A mãe se queixa: Não dorme este menino. / O irmão reclama: Apaga a luz, cretino! / Espermacete cai na cama, queima/ a perna, o sono. /” (Idem). O ponto central, nesse poema, seria a iniciação/intervenção literária na vida do autor que, quando menino, desvela-se pela leitura. Há marcas de que o Drummond menino sabia ser leitor e que, em sua infância, conviveu com cânones. Suas leituras teriam contribuído para a formação do sujeito Drummond escritor? Valeria outro ensaio tatear por respostas à questão.

É possível, dentro do enfoque da memória, perceber o poema como revisão da história, como pretexto para repensar a sociedade, quando o autor visibiliza a sua paixão pelos livros. É possível pensar o sujeito escritor Drummond, sem pensar em sua trajetória de leitor? O perceptível está nas marcas dessa formação do escritor sob influência da leitura, e, talvez, escrever tenha sido uma resposta aos textos lidos, um modo de inscrição no universo da criação literária: um leitor/escritor que se forja pela leitura contumaz. Essas evidências pairam sobre a questão de importância do ato de ler e de escrever, atividades que se interligam. O poema reafirma que no livro é possível entrar no universo da escrita/leitura: “leio, leio, leio” (ANDRADE, 2015, p. 2015), de modo a inferir movimentos do leitor em direção à história. Talvez, a leitura do menino/personagem pudesse ser pensada em oposição à pacata vida interiorana que o instala em

Itabira, MG. Assim, o Drummond personagem/menino configura-se em potência no universo poético, entre representação e realidade, reafirmando o lirismo reflexivo e o “efeito de real” que a beleza do poema instala. Não mais como um arquivo de memória, mas sim, refazendo o caminho da cena/verdade crível, na criação de mais uma obra de arte literária, em cuja engenharia a “verdade” não se verifica, mas instala lacunas, desvios, recuos a serem preenchidos pelo leitor atento diante da beleza tornada linguagem.

Poema:

*Biblioteca Verde* de Carlos Drummond de Andrade

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados em percalina verde.

Meu filho, é livro demais para uma criança!...

Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

Quando crescer, eu compro. Agora não.

Papai, me compra agora. É em percalina verde,

Só 24 volumes. Compra, compra, compra!...

Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.

Me mande urgente sua Biblioteca

bem acondicionada, não quero defeito.

Se vier com um arranhão, recuso. Já sabe:

Quero a devolução de meu dinheiro.

Está bem, Coronel, ordens são ordens.

Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,

fino caixote de alumínio e pinho.

Termina o ramal, o burro de carga  
vai levando tamanho universo.

105

Chega cheirando a papel novo, mata  
de pinheiros toda verde.

Sou o mais rico menino destas redondezas.  
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo)  
Ninguém mais aqui possui a coleção das Obras Célebres.  
Tenho de ler tudo. Antes de ler,  
que bom passar a mão no som da percalina,  
esse cristal de fluida transparência: verde, verde...  
Amanhã começo a ler. Agora não.  
Agora quero ver figuras. Todas.  
Templo de Tebas, Osíris, Medusa, Apolo nu, Vênus nua...

Nossa Senhora, tem disso nos livros?!...  
Depressa, as letras. Careço ler tudo.  
A mãe se queixa: Não dorme este menino.  
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino! Espermacete cai na cama, queima a perna, o sono.  
Olha que eu tomo e rasgo essa Biblioteca  
antes que pegue fogo na casa.  
Vai dormir, menino, antes que eu perca a paciência e te dê uma sova.  
Dorme, filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.  
Mas leio, leio... Em filosofias tropeço e caio,  
cavalgo de novo meu verde livro,  
em cavalaria me perco, medievo;  
em contos, poemas me vejo viver.  
Como te devoro, verde pastagem!...  
Ou antes carruagem de fugir de mim  
e me trazer de volta à casa

a qualquer hora num fechar de páginas?

Todo que sei é ela que me ensina.  
O que saberei, o que não saberei nunca,  
está na Biblioteca em verde murmúrio  
de flauta-percalina eternamente.

106

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Iniciação literária. In: *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, CDA por ele mesmo - reportagem literária de Eneida. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 16 jan. 1955. In: Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/inventario-drummond.pdf> Acesso em: 22/06/2021.

BARTHES, R. Efeito de real. In: Vários autores. *Literatura e semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1971.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. de Mario Laranjeira. SP: Brasiliense, 1988.

ARRIGUCCI JUNIOR, D. *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CANDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes, 1976. Disponível para leitura em <https://www.worldcat.org/title/carlos-drummond-de-andrade/oclc/2427228>.

POE, Edgar Allan. *A filosofia da composição*. 2<sup>a</sup> ed. RJ: Editora 7 Letras, 2011.